

# ENSAIO FOTOGRAFICO

---

# ENSAIOS FOTOGRAFÍCOS

ESSE RIO  
NOSSA P  
TRAVESSIAS  
POVO DA FLORE  
DE CAXIU

---

ESSE RIO É  
NOSSA RUA:  
TRAVESSIAS DO  
POVO DA FLORESTA  
DE CAXIUANÃ

MIGUEL DE NAZARÉ BRITO PICANÇO

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

A Floresta de Caxiuanã, por força da lei nº 239, de 28 de novembro de 1961, tornou-se Floresta Nacional de Caxiuanã (FLONA). A mesma está geograficamente localizada nos municípios de Melgaço e Portel, à margem esquerda da baía de Caxiuanã, no rio Anapú, correspondendo a uma área de 330 mil hectares, distante cerca de 400 km de Belém. A vegetação que predomina no lugar é a floresta de terra firme, porém outros modos de vegetação ajudam na composição do cenário florestal, a saber: floresta de igapó, vegetação de savana e aquática.

Importa ressaltar aqui, que nesse ecossistema, a floresta é tão importante quanto as pessoas e as coisas, que como diria Ingold (2015), habitam, transitam e/ou se movimentam no emaranhado de um mundo-vida que pulsa ora na floresta mesma, ora no rio Anapú. Desse modo, é importante entender, que o sentido de coisa é tratado aqui numa perspectiva que nos convida a pensá-la como “[...] um devir, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam [...] é um certo agregado de fios vitais [...] nos quais ao longo da caminhada a coisa é constantemente formada” (Ingold 2012:29). Nessa lógica, as coisas não são, elas estão emaranhadas em contínuos processos de vir a ser do/no mundo-vida (Ingold 2015). Isso porque elas, assim como os humanos, têm biografias culturais (Kopytoff 2008) e vidas sociais (Appadurai 2008). No caso do rio Anapú, as coisas referidas podem ser o próprio rio, a floresta que o cerca, os peixes, os insetos e os outros seres que nele

habitam, mas também podem ser os barcos, as canoas, o céu, o sol, etc.

Nesse mundo-vida da FLONA, o rio Anapú, constitui-se na principal “rua” por onde o povo do lugar se movimenta, seja para visitar seus vizinhos - que com regularidade são seus parentes - que vivem nas comunidades circunvizinhas, seja para ir e vir da escola, ou ainda pescar, caçar ou colher os frutos da floresta. Nesse ecossistema o referido rio corporifica-se em um componente imprescindível para o deslocamento e a permanência do povo - amazônico, paraense, marajoara e ribeirinho - que vive na Floresta.

Destarte, é do vai e vem desse povo no rio Anapú que “falam” as fotografias deste ensaio, que foi registrado por este paraense e aprendiz de antropólogo, no entardecer das comunidades de Santo Amaro e São Sebastião no município de Portel.

## REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. 2008. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Org. Appadurai, Arjun. Niterói: Universidade Federal Fluminense, p. 15-88.
- Ingold, Tim. 2015. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petropolis, RJ: Vozes.
- Ingold, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 37, p. 25-34. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

Kopytoff, Ygor. 2008. A biografia cultural das coisas: mercantilização como processo. In: *A vida Social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. (Org). Appadurai, Arjun. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, p. 89-120.

Miguel de Nazaré Brito Picanço  
micanbri2013@gmail.com

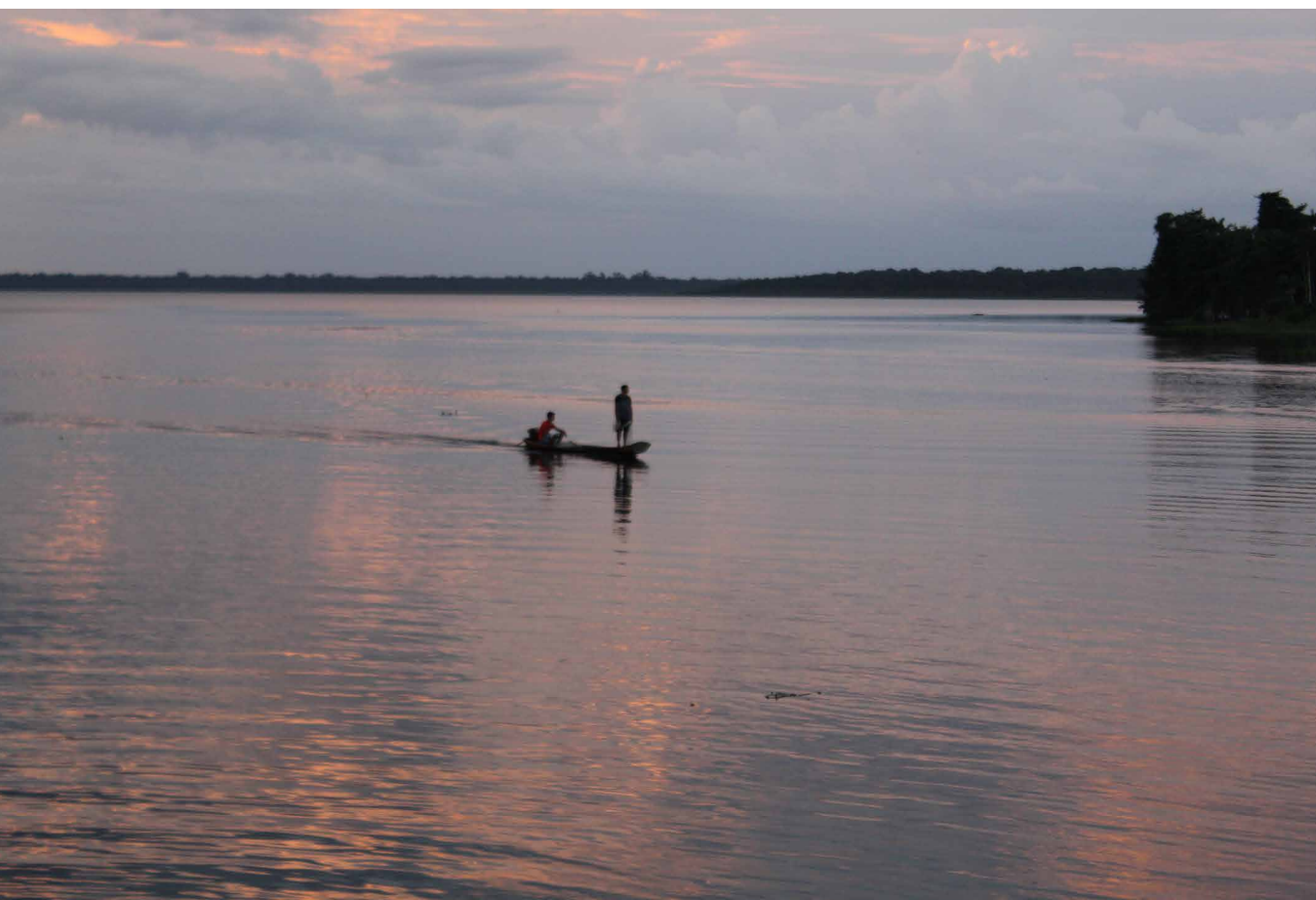


Figura 1 – Fonte: arquivo do autor, 2018.



Figura 2 – Fonte: arquivo do autor, 2018.



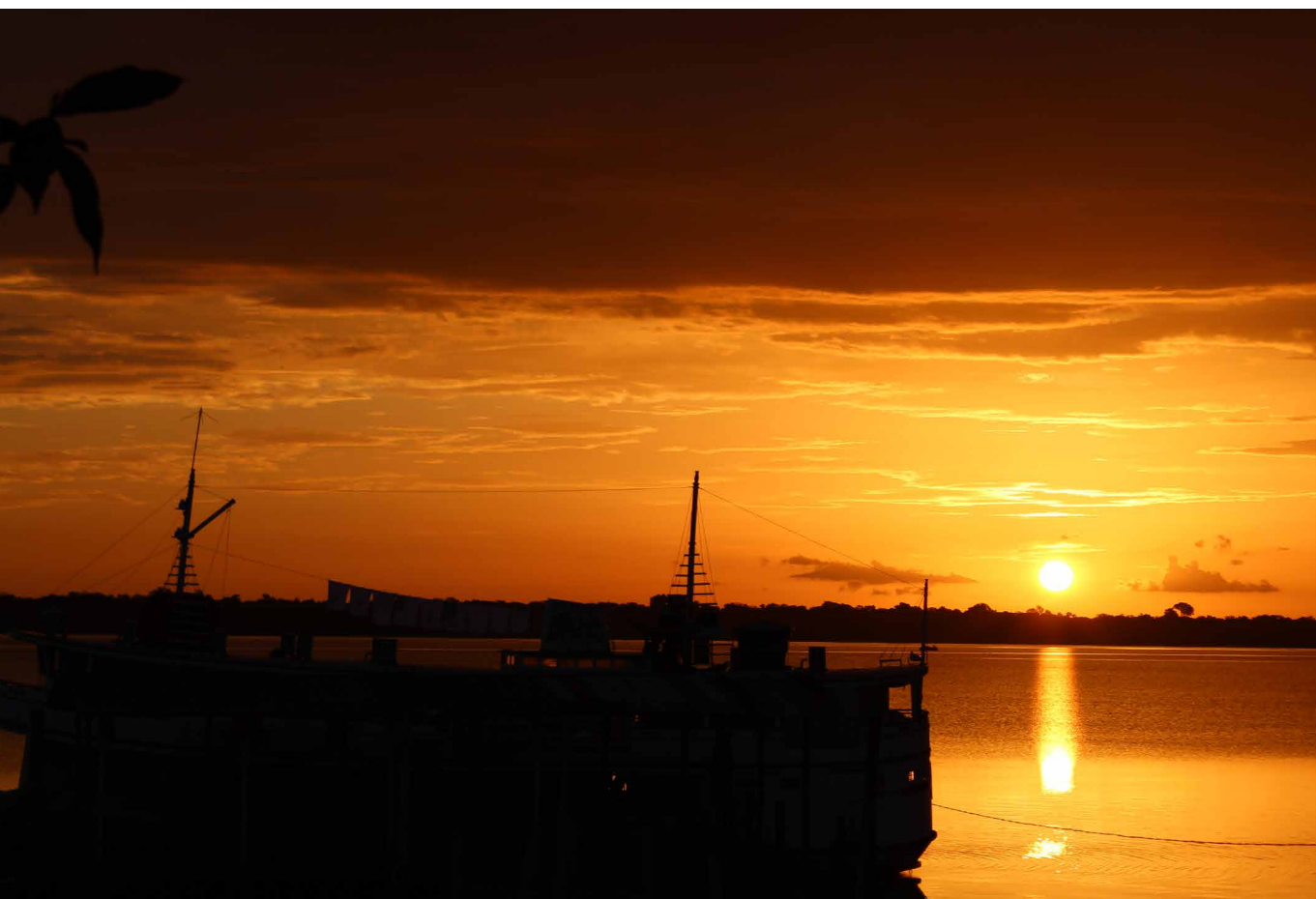


Figura 3 – Fonte: arquivo do autor, 2018.



Figura 4 – Fonte: arquivo do autor, 2018.